



XXIX Domingo do Tempo Comum (Ano C)

O texto – Lc 18,1-8

- ¹ *E disse-lhes uma parábola*
sobre a necessidade de *ORAR* **sempre**
sem desfalecer:
- ² *dizendo:*
«Havia numa cidade um juiz
que não temia a Deus nem respeitava os homens.
- ³ Havia naquela cidade uma viúva
que ia ter com ele e lhe *DIZIA:*
‘FAZ-ME JUSTIÇA
contra o meu adversário’.
- ⁴ Mas ele não quis ***durante um longo tempo;***
- Mas depois disse consigo:*
‘Embora eu não tema a Deus
porque esta viúva
VOU FAZER-LHE JUSTIÇA,
para que até ao fim
e não respeite os homens,
me INCOMODA,
não venha a IMPORTUNAR-ME’».
- ⁶ E o Senhor disse: «Ouvi o que diz este juiz de injustiça.
⁷ E Deus não *FARÁ JUSTIÇA* aos seus eleitos,
que *CLAMAM* por Ele ***dia e noite,***
mesmo que os faça ***esperar?***
- ⁸ *Digo-vos*
que *VAI FAZER-LHES JUSTIÇA* ***bem depressa.***

Mas, quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?».

Breve comentário

O texto deste domingo, que não se encontra em mais nenhum evangelista, vem na sequência dum discurso de Jesus sobre a vinda gloriosa do Filho do Homem (cf. Lc 17,20-37). E o final do texto: «Mas, quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» volta a colocar-nos nesta perspectiva. É, pois, neste enquadramento que se deve entender o texto que Lucas apresenta aos seus leitores e a nós.

Na altura em que Lucas escreve, à volta do ano 80, as comunidades da Ásia Menor começam a sentir uma perseguição, de alguma forma subtil, com a obrigação de todos prestarem culto ao imperador Domiciano como a um deus. Todos aceitam esta «mania» do imperador, menos os cristãos. A situação torna-se intolerável. Tal como os hebreus no Egipto ou mais tarde, no exílio da Babilónia, os cristãos dirigem a Deus, dia e noite, o seu «grito» de angústia. Quando virá o Senhor? Quando nos fará justiça?

O perigo do desânimo, de deixar de confiar em Deus que parece estar calado e ausente torna-se muito forte! Daí a advertência à necessidade de orar sempre, sem desfalecer na certeza duma intervenção de Deus.

Os dois personagens da parábola representam, na literatura bíblica, as figuras típicas do opressor e do oprimido. Um juiz que procede arbitrariamente, caracterizado como «juiz de injustiça», ou seja, alguém que faz exactamente o contrário da sua função. A viúva, que se sente injustiçada, não desanima e continuamente «importuna» o juiz que acaba por fazer justiça só para não ter de a ouvir mais.

Já antes (Lc 11,5-8) Lucas tinha lembrado Deus é o amigo que, perante a insistência do amigo, se levanta para dar os pães... Agora apresenta a figura do juiz que se sente importunado pela viúva que não se cansa de insistir. Deus, mesmo aparentemente silencioso, irá fazer justiça prontamente aos que por Ele clamam e que continuam a confiar n'Ele. É esta atitude de fé perseverante e de confiança total que é necessário conservar até ao fim.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro